



JOVENS MILITANTES SOCIALISTAS E AS JORNADAS DE 2013: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS¹

Luís Antonio Groppo²

Sandro Amadeu Cerveira³

Gislene da Silva⁴

Emanoely Ladeira Sigiani⁵

Fernanda Milan de Carvalho⁶

Este trabalho comunica resultados finais da “Dimensões Educacionais das Jornadas de 2013: Pautas educacionais, experiências escolares e formação política de jovens em protesto”. A questão que este trabalho busca responder é: quais foram as principais experiências políticas vividas por jovens militantes socialistas durante as Jornadas de 2013 e como essas experiências influenciaram suas trajetórias sociais?

Como metodologia de pesquisa deste trabalho, destacam-se as 17 entrevistas com militantes de juventudes partidárias e partidos, que atuaram na organização, mobilização e realização dos principais atos de protesto das Jornadas em sua fase inicial, mais propriamente progressista. No total, foram feitas 37 entrevistas de caráter semiestruturado, em 2023 e 2024: além dessas 17, entrevistamos 11 ativistas de coletivos autonomistas, 5 independentes, 2 ativistas de movimentos territoriais e 2 apoiadoras. As entrevistas abrangeram 6 estados, 3 no Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) e 1 em cada uma das demais regiões (Ceará no Nordeste, Goiás no Centro-Oeste e Belém no Norte).

Considerando que a maioria das pessoas indicadas e recrutadas eram militantes socialistas, formulamos, como um dos objetivos desta pesquisa, analisar a importância da atuação de militantes socialistas nas Jornadas de 2013. As Jornadas, normalmente, são lembradas mais pela presença do repertório autonomista, que deu o tom da ação direta que marcou os protestos iniciais. As Jornadas são também lembradas pela posterior massificação dos eventos e, em muitos casos, a recaída ao repertório patriota. Entretanto, na fase da latência e nos primeiros atos, em protestos contra o aumento das

¹ Agradecemos ao financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES e Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

² Professor adjunto no Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIFAL-MG.

³ Reitor e Professor adjunto no Departamento de Ciências Humanas da UNIFAL-MG.

⁴ Mestre em Educação pela UNIFAL-MG. Pesquisadora bolsista da FAPEMIG.

⁵ Mestranda em Educação pela UNIFAL-MG.

⁶ Mestre em Educação pela UNIFAL-MG. Pesquisadora bolsista da FAPEMIG.



tarifas do transporte público e contra os impactos das obras para os megaeventos esportivos, militantes socialistas, especialmente de partidos críticos ao Campo Popular (ligado ao governo nacional do Partido dos Trabalhadores – PT), compuseram, junto a autonomistas, as “frentes”, “blocos” ou coalizões que organizaram esses atos.

O referencial teórico marxista foi importante para esta pesquisa, primeiro, a partir do conceito de experiência transformada de E. P. Thompson (2002), em diálogo com a categoria de subjetivação política de J. Rancière (1996). Segundo, por pesquisas que analisaram as contradições econômicas e sociais que deram origem às Jornadas, como o padecimento de jovens do “precariado” (Braga, 2017, Arantes, 2014).

Entre as e os 17 militantes, 11 atuavam em partidos: 8 no Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, 2 no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado – PSTU e 1 no PT. 6 atuavam em juventudes partidárias: 3 na União da Juventude Socialista – UJS, 2 no Levante Popular da Juventude – LPJ e 1 na União da Juventude Revolucionária. 1 atuava em sindicato metalúrgico.

Tais militantes viveram de forma relativamente ambígua, por vezes relutante e até contraditória, as experiências políticas durante as Jornadas de 2013. Nem sempre ficaram totalmente à vontade com a hegemonia autonomista do repertório dos protestos. Mas o principal incômodo veio da transformação da tendência apartidária em antipartidária nas megamanifestações da segunda metade de junho – quando militantes de partidos sofreram intimidações e até violência física. Mesmo assim, grande parte das e dos militantes que entrevistamos reconhece mais aspectos positivos do que negativos nestas experiências, que impactaram suas concepções e práticas militantes e, assim, também configuraram um processo de subjetivação política. Em suas trajetórias políticas, encontraram dificuldades semelhantes às de autonomistas, dada a perda de legitimidade dos partidos e organizações no campo socialista; entretanto, as instituições políticas socialistas sobrevivem e se tornam importantes como base de atuação política para parte importante de tais jovens. Quando ingressam na vida adulta, mantêm a atuação política institucional, ocupando cargos políticos via eleições ou por indicação – como assessoria parlamentar.

Referências bibliográficas:

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 353-460.

BRAGA, Rui. **A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. São Paulo: Boitempo, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

THOMPSON, E. P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.